



## Temporalidade

*João Leite Ribeiro*

Acredito que são comuns algumas interpretações erradas no Estoicismo e em Shankara, por aproximadamente o mesmo motivo: a temporalidade.

As pessoas às vezes acham que todos os “externos” são indiferentes e que por isso o estoico fica de fato indiferente a eles. Acredito que isso seja um erro.

Vamos pegar o exemplo do dentista. Seleccionemos bons estudantes do estoicismo por todo o mundo, e façamos a eles uma sugestão: na próxima vez que forem obturar uma cárie, peçam que seja sem anestesia. A dor física é um indiferente e, portanto, essas pessoas não vão se incomodar e suportarão a situação com tranquilidade? A resposta é obviamente não. E isso faz dessas pessoas más praticantes do estoicismo? A resposta a isso creio que também é negativa.

Alguém talvez sugira uma maior virilidade dos antigos estoicos. Pode ser. Mas é apenas uma questão de grau. Dependendo da cárie, eles também pediriam uma anestesia.

Vejamos um exemplo psicológico. A morte de nossos pais é um externo, e por isso devemos passar pela situação com indiferença? É óbvio que não. Ulisses que era Ulisses chorou quando seu cachorro morreu.

Bom, então o autor desse texto está esvaziando o conceito de “externo” e “indiferente”?

Não. O conceito obviamente existia. Só que era temporal. (curiosamente o mesmo adjetivo que descreve a lógica estoica)

Acredito que pensar em termos de ser indiferente era algo que se fazia após os traumas sofridos. Após você ir ao dentista é que você vai pensar na dor como um externo ou como um inevitável, e é aí que você vai evitar que aquilo continue te afetando desnecessariamente. É para evitar lamentações e

preocupações. Como você sabe que o dentista vai ser transitório, que o externo passa, fica mais fácil não se preocupar tanto com a próxima consulta, e, se a memória do barulho do motor estiver te atormentando pensar que aquilo não é tão importante vai ajudar a esquecer.

No exemplo psicológico fica mais claro. Se seu pai falecer, você vai chorar. Como qualquer ser humano. Mas depois de um, dois meses ou talvez um ano, você pode pensar que fez o que pode por ele, que cumpriu sua parte e que era inevitável a morte. Para seguir vivendo com tranquilidade sem que o fato te paralise.

Na vida perde-se. Falo do alto do pedestal de quem já perdeu. Muitas vezes a única solução que eu via para minha vida era a morte. Mas, sem falsa modéstia, por que consegui me recuperar melhor do que a maioria? Porque estudei filosofias que, entre outras coisas, tratam de recuperação.

Existe uma música americana chamada “Suicide is painless”. Um trecho é assim:

“The game of life is hard to play

I am going to lose it anyway”

E é verdade. Só que na maioria dos casos a resposta oferecida, que é o suicídio, não é a única. É possível recuperar-se.

O filósofo indiano Shankara trabalha com dois conceitos básicos: Brahma e Maya. Brahma é algo abstrato que existiu antes do universo e Maya é todo o resto. (alguém talvez já tenha visto alguma pintura de Brahma e me diga que ele tinha forma humana. Isso é a visão de algum artista, não de Shankara)

É comum associar Maya à ilusão. Maya é ilusória enquanto valor, isso é, para Shankara esse mundo (inclusive você e seus pensamentos) traz uma satisfação menor do que se você se concentrar em Brahma. Ou seja, Brahma é mais importante do que Maya. Mas Maya existe, não é uma ilusão.

Na introdução de Christopher Isherwood à obra “A Jóia Suprema do Discernimento” de Shankara, ele diz: Maya é e não é. Bom, a pergunta é óbvia: como algo pode ser e não ser ao mesmo tempo? A resposta está aí mesmo: “ao mesmo tempo”. Maya existe ou não de forma temporal. É quando o filósofo se concentra em Brahma que Maya deixa de existir.

Assim, quando um praticante do Vedanta (corrente filosófica de Shankara) vai por um caminho na Índia e vê um elefante, ele se apavora e foge

do jeito que der. O elefante é real. É depois, quando ele já escapou, que ele vai se concentrar em Brahma para se acalmar e dormir melhor.

Acreditar num super poder de quem medita, achar talvez que o guru olha nos olhos do elefante e o hipnotiza é puro folclore.

Assim, tanto no estudo do Estoicismo como no de Shankara acredito que se deve evitar o conceito do “Super Homem”. Nem um nem o outro o é. E acho que nunca nem quiseram ser. É quando se esquece dessa “temporalidade” que se cai nisso.

Nenhum filósofo sensato acorda pela manhã achando que nada vai abalá-lo durante o dia. Muita coisa pode acontecer que quebre sua paz. O que ele pode pensar é que provavelmente ele se recupera.

Isso fica claro na doença mental. Todo doente mental experiencia uma “derrota” na vida. Dizer a essas pessoas sobre indiferença é bobagem. Eles sabem que o mundo é muito maior do que eles. Mas falar em recuperar-se pode não ser tão sem sentido.